



Orações introduzidas por *cualquiera* sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional

Clauses Introduced by Cualquiera Under the Functional Discourse Grammar Point of View

Camila Rodrigues de Amorim

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

rodrigues.amorim@unesp.br

<http://orcid.org/0000-0001-6121-7236>

Talita Storti Garcia

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo / Brasil

talita.garcia@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8695-6086>

Resumo: Este artigo investiga as orações introduzidas por *cualquiera*, no espanhol, que são concebidas dentre as orações *concessivas impróprias* ou *concessivo-condicionais* por Haspelmath e König (1998) e Flamenco García (1999). Essas estruturas são assim denominadas porque mesclam características tanto das condicionais quanto das concessivas. A fim de desvelar o funcionamento dessas orações, assumimos o modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008), com o objetivo de descrever as motivações pragmáticas ou semânticas que se manifestam nas propriedades morfossintáticas dessas estruturas. Para seleção e análise das ocorrências provenientes da modalidade escrita, elegemos o corpus CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*), banco de dados que disponibiliza textos das variedades do espanhol da América e da Espanha. Os resultados indicam que as orações introduzidas por *cualquiera* podem exercer tanto função semântica, no Nível Representacional, como função retórica, no Nível Interpessoal. Esse resultado sugere um novo olhar para o fenômeno em análise, apresentado pela literatura como uma estrutura híbrida, já que, neste estudo, são concebidas de forma discreta, em termos de funções.

Palavras-chave: *cualquiera*; espanhol; orações concessivo-condicionais; Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract: This work investigates the clauses introduced by *cualquiera*, in Spanish, which are conceived among the *improper concessive* or *concessive-conditional clauses* by Haspelmath and König (1998) and Flamenco García (1999). These structures are categorized this way because they mix features of both conditional and concessive clauses. In order to reveal the functioning of these clauses, we assume the model of the Functional Discourse Grammar (henceforth FDG) by Hengeveld and Mackenzie (2008), with the purpose of describing the pragmatic and semantic motivations that are manifested in the morphosyntactic properties of these structures. For the selection and analysis of the occurrences of the written texts, we chose the CREA corpus (*Corpus de Referencia del Español Actual*), a database that provides texts of the varieties of Spanish from America and Spain. The results show that the sentences introduced by *cualquiera* can perform both a semantic function at the Representational Level and a rhetorical function at the Interpersonal Level. This result suggests a new look at the phenomenon under analysis, presented in the literature as a hybrid structure, since, in this study, they are conceived in a discrete way, in terms of functions.

Keywords: *cualquiera*; Spanish; concessive-conditional clauses; Functional Discourse Grammar.

Recebido em 12 de abril de 2021

Aceito em 26 de outubro de 2021

1 Introdução¹

O item *cualquiera*, no espanhol de hoje, integra diferentes paradigmas, podendo exercer diferentes funções na oração. De acordo com a literatura linguística, esse item se gramaticalizou como *pronome indefinido* (HASPELMATH, 2001), mas pode integrar o rol dos *pronomes relativos inespecíficos* (BRUCART, 1999; NGLE, 2010), quando vem especificado por uma oração subordinada relativa restritiva.

¹ O presente artigo apresenta parte dos resultados obtidos por Amorim (2019), em que investiga as construções *QU-quiera que sea* à luz da teoria da Gramática Discursivo-Funcional.

Enquanto relativo inespecífico, *cualquiera* encabeça orações que funcionam como argumento da oração principal, mas, também, introduz orações que são, do ponto de vista sintático, menos integradas, conforme constatamos, respectivamente, em (1) e (2):

- (1) *Con cualquiera que trabajes, te sentirás a gusto* (BRUCART, 1999, p. 517).

[Com qualquer (pessoa) que você trabalhe, vai se sentir à vontade]².

- (2) *Cualquiera que sea la ropa que se ponga, siempre está elegante* (NGLE, 2010, p. 922).

[Qualquer que seja a roupa que vista, sempre está elegante].

Em (1), o funcionamento do pronome *cualquiera* é diferente do apresentado em (2), pois exhibe apenas o traço [+humano], podendo ser parafraseado pelo sintagma *cualquier³ persona*. O pronome *cualquiera* exerce função sintática de complemento preposicionado do verbo da oração principal *sentirse a gusto con X*.

Em (2), no entanto, verificamos que a oração principal *siempre está elegante* é semântica e sintaticamente completa, uma vez que os dois complementos necessários da estrutura predicativa estão expressos, a saber, sujeito elíptico na terceira pessoa do singular *él/ella*, e predicativo do sujeito *elegante*. Assim, diferentemente de (1), a função sintática que a oração *cualquiera que sea la ropa que se ponga* exerce com relação à oração principal não é a de argumento. De acordo com a NGLE (2010, p. 921-922), essa oração admite paráfrase com uma *oração concessiva de indiferença*, tal como *Se ponga la ropa que se ponga, siempre está elegante*, que expressa que, independentemente da roupa que vista o sujeito (bonita; feia; cara; barata, etc.), fica elegante. Nesse caso, o sentido concessivo emerge, conforme o autor, da inferência que se faz a respeito desse conjunto infinito de possibilidades a respeito do referente (*ropa*) que não interferem no fato expresso na oração principal.

² Todas as traduções são de nossa autoria.

³ No espanhol atual, *cualquiera* também pode aparecer grafado como *cualquier*, sem a vogal temática *a*, quando aparece como determinante, anteposto a um substantivo no singular.

Considerando, portanto, os casos em que as orações encabeçadas por *cualquiera* ocorrem menos integradas à oração principal, conforme (2), este artigo investiga, sob a perspectiva do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as propriedades funcionais dessas estruturas, a fim de verificar como se dá sua atuação nos diferentes níveis e camadas do modelo. A motivação da pesquisa decorre do fato de esses casos serem, ainda, objeto de questionamento e discussão entre diferentes autores, dado que o sentido *concessivo* emerge, não pelo uso de uma conjunção prototípica, mas sim pela negação de um conteúdo implícito entre falante e ouvinte, que pode ser recuperável no contexto comunicativo.

O universo de investigação contempla 125 ocorrências extraídas de textos da modalidade escrita do CREA - *Corpus de Referencia del Español Actual*, banco de dados que oferece textos de língua espanhola, tanto da América quanto da Espanha.

Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: na seção (2), apresentamos os conceitos da teoria da Gramática Discursivo-Funcional necessários para a compreensão do fenômeno em foco. Na seção (3), trazemos as principais considerações do que diz a literatura sobre as orações introduzidas por *cualquiera*. Na seção (4), discutimos os dados e apresentamos os resultados desta pesquisa, seguindo, como principal critério de análise, a camada de atuação das construções prefaciadas por *cualquiera*. Por fim, destacamos, nas Considerações Finais, as principais contribuições deste estudo.

2 A Gramática Discursivo-Funcional: algumas considerações teóricas

A Gramática Discursivo-Funcional tem como principal objetivo explicar os fenômenos linguísticos a partir da relação com o contexto. Nesse modelo, é no Componente Gramatical que se identificam os aspectos da comunicação que refletem formalmente na estrutura linguística. Os Componentes Conceitual, Contextual e de Saída interagem com o Componente Gramatical através das operações de *formulação* (regras que determinam qual constituinte será válido nas representações semânticas e pragmáticas subjacentes) e de *codificação* (regras que convertem as representações semânticas e pragmáticas em representações morfológicas e fonológicas), e é, também, no Componente Gramatical, que os níveis de representações semânticas e pragmáticas se organizam em diferentes camadas de maneira hierárquica.

O Nível Interpessoal, de acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), lida com os aspectos pragmáticos da unidade da língua que refletem o papel da interação entre os Participantes: Falante-Ouvinte⁴. Esses papéis se analisam em termos de duas funções: pragmáticas e retóricas, sendo essas últimas as que nos interessam neste estudo. Dentre as *funções retóricas*, a GDF identifica a Concessão (Conc), que se define pela *dependência* entre Atos Discursivos (A), um Nuclear (A_i) e outro Subsidiário (A_j).

O Nível Representacional, por sua parte, trata dos aspectos semânticos da unidade linguística. Enquanto o Nível Interpessoal lida com as informações que são associadas ao Falante, o Nível Representacional se ocupa das unidades não vinculadas a ele.

Tal como ocorre no Nível Interpessoal, diferentes funções podem ser aplicadas às entidades linguísticas do Nível Representacional. Hengeveld e Mackenzie (2008) mostram que a concessão, por exemplo, quando ocorre no domínio representacional, como *função semântica*, se estabelece entre Conteúdos Proposicionais (p).

Ressaltam os autores que essas distinções interpessoais e representacionais se refletem diretamente no processo de codificação, no Nível Morfossintático. Nesse sentido, a ordenação da oração concessiva com relação à principal pode ser um indício da camada em que atua (Ato Discursivo ou Conteúdo Proposicional), pois, quando a concessiva se antepõe à principal, a concessão tende a se definir na camada do Conteúdo Proposicional (cf. 3), como função semântica, diferentemente dos casos em que a relação concessiva se estabelece entre Atos Discursivos (cf. 4), como função retórica, quando a oração concessiva se pospõe à principal, codificando dois Atos Discursivos. Nesse caso, o Subsidiário (Conc) aparece posposto ao Ato Nuclear. Vejamos os exemplos trazidos pelos autores e suas respectivas representações:

- (3) *Although the work took longer than expected it was easy*
(HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).

[Embora o trabalho levasse mais tempo que esperado, foi fácil.]

[(p_i: - o trabalho levou mais tempo que o esperado - (p_i)_{Conc}) (p_j: - foi fácil - (p_j))]

⁴ Falante e Ouvinte serão grafados com letra maiúscula, quando se tratar de entidades da GDF. Esses termos se referem aos interlocutores de maneira geral, tanto em contextos de língua falada como escrita.

(4) *The work was fairly easy, although it took me longer than expected* (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)

[O trabalho foi razoavelmente fácil, embora levasse mais tempo que o esperado.]

[(A_i: -o trabalho foi razoavelmente fácil- (A_i)) (A_j: -levou mais tempo que o esperado- (A_j))Conc]

Como se observa, a distinção entre as concessivas que se dão no domínio pragmático ou semântico é codificada, de alguma maneira, no processo de codificação, o que se observa, no Nível Morfossintático, por meio da ordenação das Orações⁵ envolvidas.

O Nível Morfossintático, responsável pelas propriedades estruturais de uma unidade linguística, considera dois tipos de dependência morfossintática, as relações dos tipos núcleo-modificador e núcleo-dependente. Exemplos típicos do primeiro tipo são as orações adverbiais. Já a relação do tipo núcleo-dependente se define pela relação entre um predicado e seus argumentos, tal como ocorre nas orações completivas, por exemplo.

A depender das relações estabelecidas nos níveis superiores de análise entre núcleo-modificador ou entre núcleo-dependente, definem-se os processos *equiordenação*, *coordenação* e *cossubordinação*, observados na camada da Expressão Linguística. Quando duas Orações dependem mutuamente umas das outras, evidencia-se o processo de equiordenação. Na coordenação, diferentemente, cada Oração que se combina é independente. Já na cossubordinação, uma das Orações é dependente e a outra não.

Além das relações acima estabelecidas, há casos que devem ser tratados dentro do escopo da *subordinação* e devem, portanto, ser analisados na camada da Oração, não na camada da Expressão Linguística. Isso ocorre, por exemplo, no caso das orações que são constituintes argumentais de outras orações, tal como as orações adverbiais, substantivas ou predicativas.

Ressaltamos, também, que a representação do Nível Morfossintático se caracteriza pela colocação dos elementos conforme são enunciados. Hengeveld e Mackenzie (2008) consideram o seguinte

⁵ O termo Oração é grafado com maiúscula apenas quando faz referência à camada no Nível Morfossintático.

padrão para a disposição dos elementos na camada da Oração: a posição inicial P^I, a posição medial P^M e a posição final P^F. As posições marginais são dedicadas aos constituintes extraoracionais, que se estabelecem fora dos limites da Oração, sendo que a P^{Pré} diz respeito à posição pré-oracional e a P^{Pós} à posição pós-oracional. Verifica-se, no esquema 1, que as barras (|) indicam os limites da Oração:

Esquema 1 - Posição das unidades linguísticas

Expressão Linguística	P ^{Pré}		P ^{centro}		P ^{Pós}
Oração			P ^I P ^M P ^F		

Fonte: Keizer (2015, p. 204).

Em resumo, verificamos que a relação de dependência entre Orações deve ser explicada considerando-se, além dos aspectos puramente sintáticos, a semântica e a pragmática. Por esse motivo, consideramos que esse modelo oferece as explicações necessárias para que identifiquemos como se estabelecem as relações de dependência nas orações prefaciadas por *cualquiera* a partir de sua atuação nos diferentes domínios.

3 As orações *concessivas impróprias* introduzidas por *cualquiera*

Na sincronia atual do espanhol, observamos estruturas introduzidas por *cualquiera*, que são analisadas por König (1985), Haspelmath e König (1998), Flamenco García (1999) e NGLÉ (2010) no âmbito das *orações concessivas*. Esses autores concebem que essas orações expressam um tipo de condição que não é suficiente para impedir o cumprimento do que se coloca na oração principal. Analisemos o exemplo do espanhol trazido por Flamenco García (1999):

- (5) *Cualquier cosa que ocurriera en la reunión, era necesario llegar a un acuerdo* (FLAMENCO GARCÍA, 1999, p. 3849).

[Qualquer coisa que acontecesse na reunião, era necessário chegar a um acordo].

De acordo com o autor, a oração *cualquier cosa que ocurriera en la reunión* expressa um número infinito de condições, evocado pelo quantificador *cualquier*, que não anula o que se afirma na oração

principal, *era necesario llegar a un acuerdo*. Quando a oração principal ocorre independentemente do que foi apresentado na subordinada, em termos tradicionais, observa-se o sentido concessivo. Para Flamenco García (1999), para Brucart (1999) e para a NGLÉ (2010), há algo de “adverbial” nessas orações. Para os autores, o sentido concessivo é recuperável inclusive nos usos antigos do relativo *cualquiera*, recuperado por Fernández Ramírez (1951a apud BRUCART, 1999, p. 517), em amostras do século XIV:

- (6) *La salud de las democracias, cualesquiera que sean su tipo y su grado, depende de un mísero detalle técnico: el procedimiento electoral* (ORTEGA Y GASSET, 1276 apud BRUCART, 1999, p. 517).

[A saúde das democracias, quaisquer que sejam seu tipo e seu grau, depende de um mísero detalhe técnico: o procedimento eleitoral.]

Em (6), defende Fernández Ramírez (1951) que, mesmo que *cualquiera* tenha adquirido o estatuto de pronome indefinido, pode também desempenhar função de relativo inespecífico, como na oração *cualesquiera que sean su tipo y su grado*, que expressa um valor concessivo, já que não interfere no que está contido na oração principal *la salud de las democracias depende de un mísero detalle técnico: el procedimiento electoral*.

Essas orações recebem diferentes denominações. Alguns autores, como Haspelmath e König (1998) e Leuschner (2007), as reconhecem como *concessivo-condicionais*. Outras categorizações foram adotadas, como *condicionais de irrelevância* por Haiman (1974) e König (1985; 1986; 1988), *concessivas indefinidas* por Thompson e Longacre (1985), *concessivas de irrelevância* por Parazuelos (1993) ou, até mesmo, *concessivas genéricas* por García-Medall (2005).

Haspelmath e König (1998) tendem a considerar que as orações *concessivo-condicionais universais*, dentre as quais se enquadram as estruturas aqui analisadas, sejam, na verdade, condicionais que, contextualmente, podem desenvolver o sentido concessivo. Os autores propõem o seguinte esquema, a fim de explicar que essas estruturas funcionam como condicionais, diferenciando-se das condicionais prototípicas por apresentarem um conjunto de prótases recuperáveis

implicitamente, conforme demonstra a seguinte representação, em (7), parafraseada em (7a):

(7) $\langle \forall (x), \text{ se } p_x, \text{ então } q_i \rangle$ (Traduzido de Haspelmath e König, 1998, p. 566).

(7a) **Se** {**a** ou **b** ou **c** ou **d...**}, **então** **q** (Traduzido de Haspelmath e König, 1998, p. 565).

Dado o fato de que, para os autores, cada oração concessivo-condicional relata um conjunto ou uma série de antecedentes para um conseqüente, uma dessas condições geralmente está em conflito com o conseqüente.

Flamenco García (1999), por outro lado, observando dados do espanhol, defende que nessas orações, as quais ele denomina de *concessivas impróprias*, o caráter concessivo se sobrepõe, porque a oração subordinada vem determinada por essa implicatura de um possível obstáculo resolvido de antemão. Tais estruturas são esquematizadas pelo autor, conforme (8):

(8) $\langle p_{(x)}, q \rangle = \langle \forall (x), \text{ se } p_x, \text{ então não } q_i \rangle \text{ e } q_{\text{verdadeiro}}$ (Traduzido de Flamenco García, 1999, p. 3848).

Em (8), de todos os valores que a variável x pode assumir nesse esquema, determinado pelo quantificador universal *cualquiera* (\forall), esses não são suficientes para que se cumpra a condição $\langle \text{se } x, \text{ não } q \rangle$, sendo que q sempre é tido como verdadeiro. Vejamos como se aplicaria essa explicação na ocorrência do corpus de análise, em (9) e (9a):

(9) Y una reflexión final: el martes próximo, el pueblo de Estados Unidos acudirá a las urnas para elegir su presidente. *Cualquiera que sea su resultado, el Gobierno de Estados Unidos mantendrá su compromiso con el proceso de la CSCE y con el fortalecimiento de la seguridad y la cooperación en Europa* (CREA, Política, 1980)⁶.

[Qualquer que seja o resultado, o Governo dos Estados Unidos permanecerá comprometido com o processo da

⁶ A referência aos textos provenientes do corpus de pesquisa recupera seus dados de publicação, a saber, temática e ano de publicação.

CSCE e com o fortalecimento da segurança e da cooperação na Europa”.]

(9a) $\langle \forall (x), \text{se seu resultado for } (x), \text{ o Governo não permanecerá comprometido} \rangle$ O Governo permanecer comprometido
 verdadeiro \rangle

Observa-se que, de acordo com o esquema em (9a), o falante registra na oração concessiva imprópria uma objeção à inferência de que “se o resultado for (x), sendo (x) um conjunto indefinido de possibilidades (negativo, não esperado, etc.), então, o Governo **não** permaneceria comprometido”. A oração *cualquiera que sea su resultado* parece, nesse caso, introduzir uma informação menos saliente (funcionando como fundo), que o falante julga **irrelevante** frente ao que se afirma na oração principal.

Observamos que, como nas orações do tipo visto em (9) não há um item gramaticalizado (uma conjunção) que marque a relação concessiva, o sentido concessivo (sendo esse de domínio mais abstrato do que o sentido condicional) tende a ser interpretado pelos diferentes autores, em alguns contextos específicos, a partir de uma relação metafórica que se faz de que aquilo apresentado na oração subordinada é irrelevante, tendo em vista aquilo colocado na oração principal.

Neves (1999) ressalta que a diferença fundamental entre as condicionais e as concessivas reside no fato de que, na condicional, a escolha de um dos elementos disjuntos contidos implicitamente na oração subordinada influi e é **necessária** para o resultado expresso na oração principal. Assim, nas condicionais, a escolha disjuntiva na oração subordinada determina o resultado expresso na oração principal. Nas concessivas, o obstáculo apresentado não impede a realização do que está contido na principal.

Dentre todas essas categorizações, seja como concessiva, condicional ou como concessivo-condicional, é possível notar que todos os estudiosos acima elencados identificam um funcionamento “adverbial” nas orações introduzidas pelos indefinidos e é justamente essa ambiguidade de interpretação que motivou a investigação dos casos introduzidos por *cualquiera* no espanhol peninsular atual. Resta-nos responder o que ocorre nas estruturas aqui investigadas, pois podemos observar que o resultado contido na oração principal das estruturas com *cualquiera* é **independente** da escolha disjuntiva implícita na oração subordinada.

De acordo com o modelo da GDF, quando analisamos uma ocorrência em contexto de uso real de fala/escrita, uma estrutura “híbrida”, como a concessivo-condicional, deve ser concebida de maneira discreta, pois o falante, quando enuncia, tem propósitos comunicativos específicos. Portanto, partimos da hipótese de que essas estruturas expressam concessão e atuam nos diferentes níveis de formulação, o Interpessoal e o Representacional.

4 Metodologia

O corpus adotado para esta pesquisa é o CREA (*Corpus de Referencia del Español Actual*). A opção pelo espanhol peninsular deve-se à maior facilidade de acesso aos textos desta variedade no corpus adotado.

Em uma primeira etapa, selecionamos 995 ocorrências em que *cualquiera* vem seguido de uma oração restritiva com qualquer verbo no subjuntivo. Observamos que, em 59% dessas ocorrências, essa oração restritiva se constrói em torno do verbo *ser* no subjuntivo.

A partir dessa pré-seleção dos dados, foi possível compreender que, nas orações concessivo-condicionais, *cualquiera* funciona como quantificador universal, diferentemente de quando vem restrito por orações com outros verbos no subjuntivo, como em *cualquiera que quiera puede comprobar mi cuenta corriente* (“Qualquer um que quiser pode verificar minha conta corrente”), pois, nesses casos, *cualquiera* funciona como pronome indefinido, e a oração por ele encabeçada exerce função argumental com relação à oração principal.

Desse modo, como nosso objetivo inicial era analisar os casos em que as orações encabeçadas por *cualquiera* ocorrem menos integradas à oração principal, decidimos restringir a investigação ao funcionamento da oração *cualquiera que sea*.

Rosário (2015), ao analisar a estrutura concessiva⁷ *qualquer que seja*, no português, afirma que o uso categórico de verbos não nocionais, como os copulativos, faz com que a carga informativa recaia sobre outras partes do discurso. Nesse caso, essa carga é imposta à partícula *qualquer*, que pode ser utilizada para diversas referências de caráter catafórico ou anafórico:

⁷ O autor analisa tais estruturas como *orações concessivas justapostas*. Para mais informações sobre essa estrutura no português, ver Rosário (2015).

Quadro 1 - Categorias semânticas sob escopo da oração *cualquiera que sea*

Tipo de entidade	Ocorrência no corpus
Conteúdo Proposicional (p_1)	cualquiera que sea su ideología ;
Estado-de-coisas (e_1)	cualquiera que sea el resultado ;
Indivíduo (x_1)	cualquiera que sea la persona ;
Propriedade (f_1)	cualquiera que sea el color ;
Lugar (l_1)	cualquiera que sea el lugar ;
Tempo (t_1)	cualquiera que sea el momento ;
Modo (m_1)	cualquiera que sea el modo ;
Razão (r_1)	cualquiera que sea el motivo ;
Quantidade (q_1)	cualquiera que sea el porcentaje .

Fonte: Autoria própria

Assim, observa-se, no quadro 1, que *cualquiera* pode ter escopo sobre sintagmas de diferentes categorias semânticas, por funcionar como um quantificador universal e exibir o traço semântico [-humano].

5 Análise e discussão dos dados

Haspelmath (1997), Haspelmath e König (1998), Hengeveld e Mackenzie (2008) e Company (2009) mostram que a origem do indefinido *cualquier(a)* remonta a uma estrutura relativa do tipo *haga en él cual castigo quiera (usted)* > *haga en él cual quiera castigo* > *haga en él cualquier(a) castigo*. Tal estrutura originária, de acordo com os autores, recupera, metaforicamente, a ideia de *conceder a escolha de dois disjuntos para o Ouvinte*. Haspelmath (1997) afirma que não é estranho, pois, que um item que expresse essa ideia seja utilizado em estruturas com sentido concessivo-condicional universal⁸. Entende-se que, a partir de um desdobramento metafórico de sentido, numa oração concessivo-condicional universal, a interpretação concessiva emerge, uma vez que o Falante *abre mão de sua escolha* para dizer *não importa (para mim) X, o que importa é Y*⁹.

⁸ O autor usa o termo *parametric concessive conditionals* (HASPELMATH, 1997).

⁹ O desdobramento de sentido se daria da seguinte forma: *conceder a escolha dos disjuntos para o Ouvinte (cual tú quiera)* > *Falante demonstra irrelevância frente a algo que o Ouvinte oferece* > *Falante demonstra irrelevância sobre o que se enuncia*.

Tal trajetória semântica corrobora para a explicação de nossos dados, uma vez que, nas ocorrências analisadas, o sentido concessivo se sobrepõe ao condicional. Defendemos que o Falante coloca, na oração subordinada, um conjunto de condições como irrelevantes frente ao que se enuncia na oração principal, partindo da pressuposição de uma possível objeção do Ouvinte.

Considerando o princípio norteador de análise, nível e camada de atuação dessas orações, a oração *cualquiera que sea X* exerce *função semântica* na maior parte das ocorrências (54%), como se verifica em (10), mas também encontramos casos de atuação como *função retórica* (46%), conforme (11). Vejamos as ocorrências:

- (10) Para decorar un adorno, podés usar una pieza de vidrio. Empezá por un vaso de cristal, y con las cerdas de un cepillo de dientes pingalo con pegamento haciendo figuras con éste, podés colocar el nombre de una persona o logotipo de una empresa en el mismo. ***Cualquiera que sea tu elección, lo apreciarán mucho*** (CREA, Diseño, 2001).

[Para decorar um enfeite, você pode usar um pedaço de vidro. Comece com um copo de cristal, e com as cerdas de uma escova de dente untadas com cola, formando figuras com ela, você pode colocar o nome de uma pessoa ou o logotipo de uma empresa. Seja qual for sua escolha, será muito apreciado.]

- (11) Relata que, hace años, encontraron que unos contenedores de Tylenol estaban adulterados con cianuro y habían causado la muerte de siete personas, y como no sabían en qué punto de la cadena de distribución se había adulterado la medicina, retiraron todo el Tylenol de todos los estantes en Estados Unidos, con resultado de pérdidas multimillonarias, para evitar que muriera una persona más. A esto es a lo que llamo yo ‘responsabilidad social del empresario’. El Washington Post, comentando el incidente, dijo: *‘Johnson & Johnson se ha mostrado claramente ante el público como una compañía que está dispuesta a hacer lo correcto, cualquiera que sea el costo’* (CREA, Economía y hacienda, 2000).

[Ele relata que, anos atrás, descobriram que alguns recipientes de Tylenol estavam adulterados com cianeto e causaram a morte de sete pessoas, e como não sabiam em que ponto da cadeia de distribuição o medicamento havia sido adulterado, retiraram todo o Tylenol de todas as prateleiras dos Estados Unidos, resultando em perdas multimilionárias, para evitar que mais uma pessoa morra. Isso é o que chamo de ‘responsabilidade social corporativa’. O Washington Post, comentando o incidente, disse: ‘A Johnson & Johnson se mostrou claramente ao público como uma empresa que está disposta a fazer a coisa certa, custe o que custar’.]

Em (10) as orações apresentam entre si uma relação que se refere aos traços semânticos da unidade linguística, uma vez que o vínculo entre as tradicionais orações principal e subordinada envolve relações que não podem ser localizadas no tempo e no espaço, mas sim concebidas na mente do Falante. Observa-se que, no trecho selecionado para análise, o Falante descreve os processos para decoração de um enfeite e oferece algumas opções para o Ouvinte escolher, caso esteja seguindo o passo a passo: *you can place the name of a person* ou *the logo of a company*. Após ter apresentado essas opções de *how to make a decoration*, o Falante, protegendo-se da possível objeção do Ouvinte (*but what if you place x? / and what if you place y?*), afirma: *whatever you choose, it will be highly appreciated*. Entendemos que o sentido concessivo emerge porque a escolha do elemento disjuncto é totalmente irrelevante (*choose x **or** y **or** z...*) frente ao que se assevera na oração principal, de acordo com o que vimos na seção 3, sobre a definição do sentido concessivo para os diferentes autores. A anteposição da oração subordinada é resultado dessa antecipação que o Falante faz da informação que considera apenas um possível impedimento para o que está contido na oração principal.

Em (11), diferentemente, o Falante faz uma ressalva, com o objetivo de acrescentar uma informação pragmática sobre a oração principal anterior *Johnson & Johnson has clearly shown the public as a company that is ready to do the right thing*. Essa estratégia coincide com o que Chafe (1984) denomina *afterthought*, um “adendo”, pois o Falante adiciona um comentário sobre o que foi enunciado previamente.

Quanto à posição, de maneira geral, constatamos que a oração *cualquiera que sea X* aparece *anteposta* (cf. 10), em 15,2% dos dados, *intercalada*, em 38,4% dos dados, ou *posposta* (cf. 11), em 46,4% dos dados, com relação à oração principal, o que reflete as distinções semânticas e pragmáticas dessas estruturas.

Nas seções que seguem¹⁰, apresentamos, com detalhes, a descrição dessas estruturas segundo os critérios de análise (i) níveis e camadas de atuação e (ii) posição da oração *cualquiera que sea X*.

5.1 Orações concessivas no Nível Representacional

No Nível Representacional, a relação de concessão ocorre na camada do Conteúdo Proposicional, que é caracterizado como um constructo mental, – conhecimentos, crenças e desejos – pois não pode ser localizado no espaço e no tempo, mas pode ser qualificado em termos de atitudes proposicionais.

Vejam as ocorrências (12) e (13) a seguir:

(12) *Cualquiera que sea tu decisión, pienso divorciarme*. Este hombre no significa ni tanto así para mí (CREA, Teatro, 1992).

[Seja qual for sua decisão, vou me divorciar. Este homem não significa muito para mim.]

(13) Desde ese momento las autoridades panameñas se han esforzado por convencer a los bancos de que el más escrupuloso secreto sigue vigente y de que, como dice De Diego, “es falso, jamás ha sucedido ni va a suceder que el sistema bancario se abra a los investigadores”. Además, Panamá sigue ofreciendo ventajas a los bancos extranjeros por otras características de su economía no emite papel moneda -el circulante es el dólar- y no existe control de las transferencias. Cualquier persona que quiera depositar una determinada cantidad de dinero, no importa cuál sea, en un banco panameño sólo tiene que enviar un télex con sus

¹⁰ O percurso desta análise não será guiado pela organização descendente da GDF. Optamos, para fins didáticos, por iniciar a descrição pelo tipo oracional que coincide com o comumente apresentado nos compêndios descritivos do espanhol (cf. FLAMENCO GARCÍA, 1999).

datos básicos y abrir una cuenta, sin más requisitos ni controles. De Diego garantiza que “esto no va a cambiar de ninguna forma”. “*Ningún hecho político, cualquiera que sea el resultado final, va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario*” (CREA, Economía y Hacienda, 1987).

[Desde então, as autoridades panamenhas têm feito um esforço para convencer os bancos de que o segredo mais escrupuloso ainda está em vigor e que, como diz De Diego, ‘é falso, nunca aconteceu e nunca acontecerá que o sistema bancário se abra aos investigadores’. Além disso, o Panamá continua oferecendo vantagens aos bancos estrangeiros por outras características de sua economia, não emite papel-moeda - a moeda em circulação é o dólar - e não há controle de transferências. Quem quiser depositar uma determinada quantia de dinheiro, seja ela qual for, em um banco panamenho, basta enviar um telex com seus dados básicos e abrir uma conta, sem maiores exigências ou controles. Diego garante que ‘isso não vai mudar em nada’. ‘Nenhum acontecimento político, seja qual for o resultado final, afetará os princípios que fizeram do Panamá um centro bancário’.]

Em (12), na oração concessiva *cualquiera que sea tu decisión*, o Falante antecipa a possível objeção do Ouvinte (*e se eu decidir X? / e se eu decidir Y?*) para afirmar que, independentemente da escolha dos disjuntos, *ela pensa em se divorciar*. Dessa forma, a inferência de que essas alternativas pudessem acarretar em *não pensar em se divorciar* não se confirma.

A mesma relação é verificada em (13). Observamos que o Falante discorre sobre um período em que o medo e a incerteza tomavam conta do centro financeiro internacional do Panamá, em decorrência de uma crise política que causou efeitos econômicos negativos aos proprietários das entidades financeiras estrangeiras estabelecidas naquele país. A fim de evitar possíveis contestações (*e se o resultado dessa crise fosse X? / e se fosse Y?*) por parte do Ouvinte, o Falante assegura, de acordo com suas crenças e expectativas, que nenhuma dessas condições colocaria em risco a manutenção do Panamá como o primeiro centro bancário da América Latina e um dos primeiros do mundo.

Em (12) e em (13), os Falantes assinalam ausência de compromisso com a veracidade/falsidade dos Conteúdos Proposicionais *cualquiera que sea tu decisión e cualquiera que sea el resultado final*. Por estar sob o escopo da estrutura *cualquiera que sea*, os Estados de Coisas *decisión e resultado* são colocados como irrealis dentro de um mundo hipotético, pois não é possível localizá-los no tempo e nem podemos avaliá-los em termos de seu estatuto de realidade.

Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 144), Conteúdos Proposicionais podem ter sua natureza epistêmica avaliada por meio de termos que indiquem a atitude proposicional, tal como certeza, dúvida e descrença.

No caso das ocorrências (12) e (13), por exemplo, a inserção de um advérbio, como *efectivamente* (“efetivamente”), que indica certeza por parte do Falante, comprova o estatuto epistêmico das orações modificadas pelas orações concessivas:

(12a) *Cualquiera que sea tu decisión, **efectivamente** pienso divorciarme.*

(13a) **Efectivamente** ningún hecho político, cualquiera que sea el resultado final, va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario.

Assumimos, então, que, na GDF, o misto concessivo/condicional pode ser interpretado de outra forma, pois observamos que o Falante antecipa um contra-argumento de seu Ouvinte, e coloca-o como irrelevante frente ao que se afirma na oração principal. Assim, afirmamos que (12) e (13) constituem casos de orações às quais é atribuída a função semântica Concessão. De acordo com a definição apresentada por Garcia e Pezatti (2013), as orações concessivas da camada do Conteúdo Proposicional constituem “[...] um modificador do núcleo representado pela oração principal [...]” (GARCIA; PEZATTI, 2013, p. 483), sendo assim, as ocorrências podem ser representadas pela GDF da seguinte forma:

(12b) (p_i: –pienso divorciarme–: (p_j: **-cualquiera que sea tu decisión–**)_{Conc})

(13b) (p_i: –ningún hecho político va a afectar a los principios que han hecho de Panamá un centro bancario.–: (p_j: **-cualquiera que sea el resultado final–**)_{Conc})

5.2 Orações concessivas no Nível Interpessoal

No Nível Interpessoal, a concessão configura uma função retórica, uma relação entre dois Atos Discursivos. Ao atuarem como estratégia para garantir que o Falante alcance seus objetivos na comunicação, cada elemento envolvido na concessão configura um Ato Discursivo com estatuto diferente, sendo, nesta ordem, Nuclear e Subsidiário. O Falante, assim, faz uma ressalva ao todo ou a algum elemento que está contido no Ato Nuclear. Por meio da ressalva representada, o Falante busca evitar interpretações equivocadas por parte do Ouvinte.

Vejamos a ocorrência (14):

- (14) Pero, en fin, pensamos que hay total incoherencia cuando se dice que se va a buscar una salida pacífica pero que no se va a hacer concesiones sobre nuestra principal petición. Es decir, que la hipótesis sería que nosotros, o sea el MRTA, retroceda. Y eso nunca sucederá. Entonces nos preguntamos ¿de qué salida pacífica se habla? Creo que el señor Fujimori debería ser más claro ante la opinión pública nacional e internacional, pero principalmente debería ser claro ante los familiares de las personas aquí retenidas. Con esta posición aparentemente sólo se está ganando tiempo y creando las condiciones para una salida militar. Y la vida para él está por debajo de los intereses políticos, ahora los cubre como de interés nacional. *Es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez, cualquiera que sea su decisión* (CREA, Política, 1997).

[Mas, por fim, pensamos que há uma incoerência total quando se diz que se buscará uma solução pacífica, mas que nenhuma concessão será feita em relação ao nosso pedido principal. Ou seja, a hipótese seria que nós, ou seja, o MRTA, recuamos. E isso nunca vai acontecer. Então nos perguntamos: de que saída pacífica estamos falando? Acredito que o Sr. Fujimori deveria ser mais claro para a opinião pública nacional e internacional, mas principalmente para as famílias das pessoas detidas aqui. Aparentemente, essa posição está apenas ganhando tempo e criando as condições para uma saída militar. E a vida para ele está abaixo dos interesses políticos, agora ele os cobre como sendo do interesse nacional. É melhor que (ele) não espere mais tempo e se decida de uma vez, seja qual for sua decisão.]

Verificamos que o estatuto dessa estrutura distingue-se das ocorrências apresentadas em 5.1, já que a oração concessiva tem a função comunicativa de esclarecer uma possível interpretação equivocada do Ouvinte. Em (14), o Falante apresenta sua opinião no Ato Nuclear, mas acha que pode não ter ficado claro para o Ouvinte que *é importante que a decisão seja tomada, independentemente de qual seja a decisão, seja ela X, Y ou Z*. Ou seja, o Falante acrescenta o comentário *cualquiera que sea su decisión*, a fim de evitar que seu Ouvinte pense que a decisão a ser tomada tenha de ser necessariamente X (*bem pensada*, por exemplo). Observamos, portanto, que essa é uma estratégia do Falante, uma estrutura que ele utiliza para atingir seus propósitos comunicativos, o que prova, de fato, que ocorre no Nível Interpessoal.

Nas construções concessivas pertencentes à camada do Ato Discursivo, a oração concessiva e a oração principal constituem, portanto, Atos distintos, dada a independência de Ilocução entre as duas orações. Em (14), observamos que tanto a Ilocução do Ato Nuclear como a do Ato Subsidiário são declarativas. Com base nas descrições oferecidas por Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 54), a ocorrência (14), bem como as demais que consideramos como pertencentes à camada do Ato Discursivo neste trabalho, podem ser assim representadas:

(14a) (M₁: [(A₁: –es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez– (A₁)) (A₂: –cualquiera que sea su decisión– (A_J)_{Conc}] (M₁))

Nas representações referentes ao Nível Interpessoal, os Atos Discursivos são dispostos na ordem em que eles se realizam. Assim, o Ato Nuclear é representado em (A₁), enquanto o Ato Subsidiário é representado em (A₂), e os dois se localizam dentro de um único Movimento, representado por (M₁). A função retórica de concessão (Conc) recai sobre o Ato Subsidiário, que expressa uma ressalva à enunciação do Ato Nuclear.

A relação entre o Ato Discursivo Nuclear e o Ato Discursivo Subsidiário resulta, no Nível Morfossintático, na realização de uma única Expressão Linguística, constituída por duas Orações que se combinam por cossubordinação, sendo que o Ato Nuclear corresponde a uma Oração independente e o Ato Subsidiário equivale a uma Oração morfossintaticamente dependente.

As orações concessivas da camada do Ato Discursivo podem se voltar para a enunciação de todo o Ato Discursivo Nuclear, como vimos em (14), ou, também, exercerem uma ressalva sobre um elemento específico presente nesse Ato. Vejamos a ocorrência (15) e sua representação em (15a):

- (15) Y aquí, lo que está en el candelero a fin de cuentas es el estado de nuestra democracia, su capacidad de defenderse de los que intentan destruirla y, al mismo tiempo, de tratarles con toda ecuanimidad. Para ello, lo primero que hay que dejar sentado es que este no es un juicio político. Es un juicio penal. Los cargos no son ideológicos, son criminales. O allegadamente criminales, para ser jurídicamente correctos. Los jueces tendrán que mirar no a los políticos, ni a los periódicos, ni a los observadores internacionales, sino única y exclusivamente, al Código. *Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia, cualquiera que sea.* (CREA, Testimonios varios, 1997).

[E aqui, o que está em destaque, no final das contas, é o estado de nossa democracia, sua capacidade de se defender contra aqueles que tentam destruí-la e, ao mesmo tempo, tratá-los com toda a serenidade. Para isso, a primeira coisa a estabelecer é que não se trata de um julgamento político. É um julgamento criminal. As acusações não são ideológicas, são criminosas. Ou supostamente criminoso, para ser legalmente correto. Os juízes terão que olhar não para políticos, ou jornais, ou observadores internacionais, mas única e exclusivamente, para o Código. E nós, espanhóis, devemos estar dispostos a aceitar a sentença, seja ela qual for.]

- (15a) (M₁): [(A₁: –Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia– (A₁)) (A₂: –cualquiera que sea– (A₂))
Conc] (M₁)

Constatamos que, em (15a), o Ato Discursivo Nuclear, *Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia*, aparece antes do Ato Subsidiário, *cualquiera que sea*, que é adicionado como uma “correção”, um *afterthought*, sobre a referência que o Subato [+específico] *la sentencia* evoca. Nesse caso, o Falante acrescenta esse comentário, com o propósito de evitar a interpretação equivocada por

parte do Ouvinte de que, possivelmente, *caso a sentença venha a ser uma em específico X, Y, etc.*, possa não ser aceita pelo povo espanhol. Então, o Falante retoma e reformula no Ato Subsidiário: *temos que aceitar o julgamento e a sentença do criminoso, [não somente aquela que nos favorece], mas qualquer que seja essa sentença*. Verificamos que, quando o Falante enuncia um comentário ou uma correção sobre o dito, ou seja, sobre uma entidade do domínio pragmático, algumas marcas morfossintáticas emergem, como, por exemplo, a menor integração entre as unidades no Nível Morfossintático.

Então, quanto à codificação morfossintática dessas estruturas, verificamos:

(14b)	P centro	P pós
Es mejor que no espere más tiempo y se decida de una vez		cualquiera que sea su decisión

(15b)	P centro	P pós
Y los españoles tenemos que estar dispuestos a aceptar la sentencia		cualquiera que sea

Como a função retórica Concessão é usada cognitivamente como um pensamento ulterior, a Oração se posiciona iconicamente em P^{pós} da Expressão Linguística, posição prototípica dos constituintes extraoracionais.

6 Considerações finais

Este artigo apresenta, sob o escopo do modelo da Gramática Discursivo-Funcional, uma análise das motivações funcionais das orações introduzidas por *cualquiera* no espanhol. Os resultados mostram que essas orações podem estabelecer relações de dois tipos diferentes, pois podem atuar no nível semântico, Representacional, quando se constituem na camada do Conteúdo Proposicional, e também no nível pragmático, Interpessoal, quando atuam na camada do Ato Discursivo.

O primeiro caso, responsável por 54% dos casos, se dá quando a relação de concessão ocorre entre Conteúdos Proposicionais. Essas orações concessivas se assemelham ao esquema proposto pelas

gramáticas tradicionais, pois formam com a oração principal um único bloco semântico e sintático. Nesse caso, a oração concessiva desempenha a *função semântica concessão*.

O segundo caso, por sua vez, responsável por 46% das ocorrências, se dá quando a concessão configura uma *função retórica*, no Nível Interpessoal, uma estratégia utilizada pelo Falante para guiar seu Ouvinte e, assim, atingir seus propósitos conversacionais. Pode funcionar como ressalva sobre o que foi dito ou para evitar uma possível interpretação equivocada do Ouvinte sobre algo (um Subato) evocado no Ato Discursivo Nuclear.

Os dados mostram que a codificação morfossintática dessas estruturas, resultado das relações estabelecidas nos níveis superiores do modelo, se dá da seguinte forma: (i) quando atua no Nível Representacional, a oração concessiva é posicionada nos domínios de P^I da Oração; (ii) quando exerce função retórica, no Nível Interpessoal, é alojada em P^{pós} da Expressão Linguística.

Em resumo, sob o escopo da GDF, mostramos que essas estruturas devem ser concebidas de forma discreta, em termos de *funções*, conforme as intenções comunicativas do Falante. Defendemos que, apesar da estreita relação semântica entre os significados de condição > concessão, atestada por diferentes autores (FLAMENCO GARCÍA, 1999; HASPELMATH, 1997; HASPELMATH, KÖNIG, 1998), nos dados analisados, o sentido concessivo se sobrepõe ao condicional. Isso porque, conforme a análise, verificamos que o Falante acrescenta a oração encabeçada por *cualquiera* ou com o objetivo de antecipar e prevenir-se de uma possível objeção do seu Ouvinte para colocá-la como irrelevante frente ao argumento que se apresenta na oração principal, ou com o objetivo de acrescentar uma ressalva sobre algo dito anteriormente.

Com este estudo, esperamos, além de ter mostrado a aplicabilidade do modelo em camadas da Gramática Discursivo-Funcional, ter demonstrado a importância de se analisar a dependência das orações introduzidas por *cualquiera*, considerando-se os domínios pragmático e semântico, além do domínio sintático.

Agradecimentos

Esta pesquisa teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), a quem agradecemos.

Contribuição das autoras

Camila Rodrigues de Amorim: Obtenção de dados, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Talita Storti Garcia: Análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Referências

AMORIM, C. R. *Construções QU-quiera que sea no espanhol sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. 2019. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2019.

BRUCART, J. M. La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 395-522.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2010. 179 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2010.

GARCIA, T. S. G.; PEZATTI, E. G. Orações concessivas independentes à luz da Gramática Discursivo-Funcional, *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 475-494, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942013000200007>

FLAMENCO GARCÍA, L. Las construcciones concesivas y adversativas. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (orgs.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1999. p. 3805-3878.

GARCÍA-MEDALL; J. La concesión genérica y el modo verbal en español. *Revista Moenia*, Santiago de Compostela, v. 11, n. 11, p. 283-304, 2005.

HAIMAN, J. Concessives, Conditionals, and Verbs of Volition, *Foundations of Language*, v. 11, n. 3, p. 341-359, 1974.

HASPELMATH, M. *Indefinite pronouns*. Oxford: Clarendon press, 1997.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. (ed.). *Adverbial construction in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 563-639.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English* (textbook). Oxford: Oxford University Press, 2015.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v. 66, n. 1, p. 1-19, 1985a. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0024-3841\(85\)90240-2](https://doi.org/10.1016/S0024-3841(85)90240-2)

KÖNIG, E. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIÁK, J. (ed.). *Historical semantics. Historical Word-formation*. Berlin, Nova York, Amsterdam: Mouton, 1985b. p. 263-282.

KÖNIG, E. Conditionals, concessive conditionals and concessives: areas of contrast, overlap and neutralization. In: TRAUGOTT, E. et al. (eds.). *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 229-246.

KÖNIG, E.; AUWERA, J. van der. Clause integration in German and Dutch conditionals, concessive conditionals, and concessives. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 101-134.

LEUSCHNER, T. Nonspecific free relatives and (anti)grammaticalization in English and German. *Folia Linguistica Historica*, v. 26, n. 1-2, p. 45-69, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1515/flin.26.1-2.45>

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 545-673.

PARAZUELOS, M. H. C. *La expresión de la concesividad en español*. 1993a. 392 f. Tese (Doutorado em Filologia Românica) – Faculdade de Filologia, Universidad Complutense de Madrid, 1993a.

PARAZUELOS, M. H. C. “Inhibición” o “indiferencia”: Rasgo común a expresiones de sentido concesivo. *Revista de Filología Románica*, Madrid, v. 10, p. 107-151, 1993b, DOI: <https://dx.doi.org/10.5209/RFRM>

PEZATTI, E. *A ordem das palavras no português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Corpus de referencia del español actual*. Disponível em: <<http://www.rae.es>> Acesso em: 23 out. 2021.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Banco de datos (CREA). *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE). Madrid: Espasa-Calpe, 2010.

ROSÁRIO, I. C. Juxtaposed concessive constructions: a usage-based functional analysis, *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 37, n. 2, p. 145-155, 2015.

THOMPSON, S. A.; LONGACRE, R. E. Adverbial clauses. In: SHOPEN, T. (ed). *Language typology and syntactic description*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 171-234.